


# Anthropocénica

Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica

 <https://doi.org/10.21814/anthropocénica.3087>

É com orgulho que apresentamos este primeiro número da *Anthropocénica*. *Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, publicada sob a égide do INF-AST-Institute for Anthropocene Studies.

O que nos impeliu a fundar a *Anthropocénica* foi, sobretudo, a conjugação de dois motivos. Desde logo, a inexistência de uma publicação periódica científica em Portugal dedicada aos Estudos do Antropoceno e à Ecocrítica. Depois, o crescente interesse que ambos os domínios de investigação têm vindo a suscitar em boa parte do mundo académico.

É certo que cada um deles tem uma história independente. Mais longa a da Ecocrítica – estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico, na conhecidíssima definição de Cheryll Glotfelty – remontando possivelmente a 1978, ano que William Rueckert publicou o seu ensaio *Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism* e segundo Scott Slovic já na sua quarta fase. Menos longa a dos Estudos do Antropoceno – domínio de investigação que entrecruza abordagens das 4 culturas, Ciências naturais (em especial as Geociências), Ciências sociais, Humanidades e Engenharias, para tentar compreender o Antropoceno na sua complexidade – oficialmente anunciada no EIBEA-Encontro Iberoamericano de Estudos do Antropoceno, realizado em Braga, na Universidade do Minho, em 2019 (<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/62541>). No entanto, em especial na última década, a sua intersecção é cada vez mais notória, em boa medida pelo seu interesse convergente pela multitude de narrativas, algumas com forte tonalidade moral, que se formaram sobre a crescente degradação antropogénica do mundo natural e o acumular de evidências de danos irreparáveis infligidos ao sistema ambiental global.

A *Anthropocénica* terá, por conseguinte, como principal objetivo a divulgação de material bibliográfico original e inédito que contribua para o aprofundamento do conhecimento pluridisciplinar de temáticas e problemáticas relevantes nos domínios dos

## Editorial

Estudos do Antropoceno e da Ecocrítica, prioritariamente em língua portuguesa, mas também nos idiomas espanhol, inglês e francês. Esse material apresentará principalmente a forma de artigos de investigação, recensões críticas de livros, traduções e entrevistas. Em função da oportunidade, investir-se-á na organização de dossiês temáticos e números especiais. A publicação permanecerá em acesso livre e funcionará de acordo com o sistema de revisão por pares em anonimato.

Este número inaugural tem seis artigos. O primeiro contributo, de Richard St'ahel, “Environmentalism as a Political Philosophy for the Anthropocene”, constitui uma original peça argumentativa em que o autor defende, como o título claramente indica, que o ambientalismo pode muito bem ser interpretado como uma filosofia política capaz de ajudar a pensar seriamente os grandes desafios e riscos eco-sociológicos e civilizacionais que se estão a colocar na transição do mais estável Holoceno para o mais instável Antropoceno. Para além disso, reivindica também o autor que a Filosofia Política do século XXI deverá procurar submeter-se a uma reforma conceptual para poder refletir sobre as pré-condições ambientais e os limites da existência e das formas do sistema político-económico.

O segundo artigo, por Rui Paes Mendes, “A moderna expansão humana e a (re)descoberta do invisível: uma leitura geográfica da pandemia”, representa um exercício de articulação de uma hipótese que deverá suscitar muita discussão futura: o advento do Antropoceno potencia a eclosão de epidemias e pandemias, como aquela, em curso, da COVID-19. A investigação desta hipótese, defende ainda o autor, é de notória importância para se poder prevenir e lidar com crises futuras provocadas por fenómenos idênticos.

Em “El Antropoceno en Raimon Panikkar: Ecosofía”, o terceiro contributo para esta secção, Juan Antonio Testón Turiel conduz-nos pelo pensamento ecológico de Raimon Panikkar, demonstrando persuasivamente como a sua visão cosmoteândrica da realidade pode servir para uma reelaboração do conceito do Antropoceno, imbuindo-o de uma dimensão mais espiritual, mística e religiosa, de que presentemente parece alheado.

O quarto artigo, de Alexandre Túlio Amaral Nascimento, “Reflexões sobre o Antropoceno, o paradigma da espécie humana e seu domínio ilusório sobre a Terra”, intenta uma reflexão sobre o mundo em transição para o Antropoceno a partir de um ponto de vista ecológico e evolutivo da espécie humana. Sustenta o autor que a causa determinante dessa transformação reside nas políticas antropocêntricas que assolaram há

## Editorial

muito o planeta e que urge substituí-las por outras de carácter mais biocêntrico e mais sustentável.

No quinto artigo, “The Anthropocene: scientific meaning and philosophical significance”, de João Ribeiro Mendes, examinam-se o conceito de “Antropoceno” e a hipótese geocronológica e cronostratigráfica formulada com base nele no âmbito da Ciência do Sistema Terra, assim como se exploram algumas das suas implicações filosóficas, nomeadamente, como sugere o autor, que o Antropoceno pode ser entendido como um Hiperobjeto (na aceção de Timothy Morton) e como uma Imagem Técnica (no sentido que Vilém Flusser lhe atribui) .

Finalmente, o artigo de Maria do Carmo Mendes, “No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica”, apresenta uma reconstrução da carreira da Ecocrítica, como área cada vez mais destacada dentro dos Estudos Literários e mais envolvida no diálogo com outros saberes, partindo da proposta de uma definição de trabalho sobre o conceito de “Ecocrítica” e uma revisita dos fundamentos da área, e prosseguindo até uma reflexão, numa ótica pessoal, sobre as avenidas que se estão a abrir para a sua evolução, passando por uma descrição das várias fases que podem ser identificáveis na sua história ainda relativamente curta.

Uma resenha de Caroline Izidoro Marim da fascinante obra editada conjuntamente por Anna Tsing, Heather Swanson, Elaine Gan e Nils Bubandt, *Arts of Living on a Damaged Planet: Ghosts and Monsters of the Anthropocene*, integra a secção seguinte.

Na última secção, dedicada a traduções, os textos seminais onde o conceito de “Antropoceno” é introduzido, pela primeira vez, em forma impressa, apresentam-se vertidos para a língua portuguesa.

Enfim, o nascimento de uma nova revista resulta de um processo quase sempre longo, e este não foi exceção. Procurámos no seu decurso nunca perder de vista o objetivo de conseguirmos produzir uma publicação científica de boa qualidade. Tal teria sido impossível sem a ajuda da comissão editorial, de revisores e de colaboradores, que merecem um enorme reconhecimento. Um especial agradecimento é também devido à Dra. Carla Marques e ao Dr. José Carvalho, dos Serviços de Documentação e Bibliotecas

## Editorial

da Universidade do Minho pelo apoio impenitente que prestaram na instalação da revista na plataforma PKP-OJS da UMinho Editora.

Esperamos, pois, que esta edição inaugural da *Anthropocenica* seja do agrado dos seus leitores e que considerem os materiais que a compõem úteis para estimular a investigação nas áreas dos Estudos do Antropoceno e da Ecocrítica. Deixamos também o convite para que nos enviem os vossos melhores trabalhos para publicação.

Os editores

João Ribeiro Mendes & Maria do Carmo Mendes